



Curso de Enfermagem

INTRODUÇÃO HISTÓRICA DO GÊNERO MASCULINO NA ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES AO LONGO DA PROFISSÃO

HISTORICAL INTRODUCTION OF THE MALE GENDER IN NURSING: CONTRIBUTIONS
THROUGHOUT THE PROFESSION

Jean Felipe Paulista Gonçalves¹, Matheus Bastos da Costa¹, Everaldo Rodrigues da Silva Junior²

1 Aluno do Curso de Enfermagem

2 Professor do Curso de Enfermagem

Resumo

O presente trabalho tem como temática a introdução do gênero masculino na enfermagem e suas contribuições ao longo da profissão, onde objetivamos destrinchar como o gênero masculino pode contribuir para a construção da profissão, bem como suas dificuldades na inserção no mercado e na prática do cuidado; para tal, foi escolhido o modelo de pesquisa por meio de revisão bibliográfica, onde foram buscados artigos nacionais e internacionais para montagem do trabalho. A partir do estudo aprofundado da bibliografia selecionada, podemos inferir que não só a participação masculina fica evidente, desde os primórdios da profissão, como o gênero foi importante e trouxe visões e experiências totalmente distintas a prática da enfermagem, sendo de suma importância a valorização e inclusão do homem em todos os cenários da assistência. Entretanto, também fica evidente que o homem constituiu por grande parte do tempo, uma parte ínfima da força de trabalho da enfermagem, a despeito de suas contribuições valorosas para a profissão; também, que existiu e segue existindo uma resistência na inclusão plena do homem enfermeiro nos postos de trabalho, bem como o preconceito na associação do enfermeiro como homossexual e, com isso, a visão homofóbica de inferiorizá-lo por tal característica. Enfim, concluímos que, enfrentando todas as imposições mercadológicas e o preconceito, os homens têm ingressado cada vez mais em postos de trabalho da enfermagem, em todos os setores, tanto gerenciais quanto assistenciais.

Descritores: Enfermagem, História, Gênero, Masculino.

Abstract

The present work has as its theme the introduction of the male gender into nursing and its contributions throughout the profession. We aim dissect how the male gender can contribute to the development of the profession, as well as its challenges in entering the market and in the practice of care. To do this, the research model chosen was a literature review, where national and international articles were sought to compile the work. From the in-depth study of the selected bibliography, we can infer that not only has male participation been evident since the early days of the profession, but gender has also been important and has brought completely different perspectives and experiences to the practice of nursing. It is of almost importance to value and include men figure in all aspects of healthcare. However, it's also evident that men have constituted a small part of the nursing workforce for much of the time, despite their valuable contributions to the profession. There has also been and continues to be resistance to the full inclusion of male nurses in the workplace, as well as prejudice associating nurses with homosexuality leading to a homophobic view that seeks to diminish them based on this characteristic. In conclusion, despite facing market pressures and prejudice, men are increasingly entering nursing positions in all sectors, both managerial and clinical.

Descriptors: Nursing, History, Gender, Male.

Contato: matheus.bastos@soupromove.com.br; coordenacaoenfsl@somospromove.com.br

Introdução

Historicamente, o surgimento da enfermagem como a conhecemos atualmente, pode ser vista desde os primórdios da civilização, tendo traçado caminhos árduos, tortuosos e com um significativo remodelamento no decorrer do seu desenvolvimento enquanto profissão. A longa trajetória até os dias atuais instiga e estimula uma busca pelo entendimento das fases e períodos pelos quais a enfermagem percorreu (PEREIRA, et al, 2020)

O exercício da enfermagem tem como base o cuidar, uma palavra originária do latim que surgiu em meados dos séculos XIV a XVIII. Denota atenção, cautela e cuidar de algo ou alguém. Tradicionalmente, na enfermagem a prestação de cuidados é realizada majoritariamente por indivíduos do sexo feminino. Esse cenário foi sendo arquitetado e concebido como alicerces de conceitos, estereótipos e preconceitos que influenciaram na lenta e mistificada inserção da figura masculina na enfermagem (SALES, et. al, 2018).

Pereira (1991), cita que a enfermagem é uma profissão de caráter feminino, atribuindo as características desse sexo de forma negativa no desenvolvimento da profissão. Abnegação, doação e renúncia são exemplos do perfil descrito necessários para exercer o cuidado inerente à enfermagem. Essas características estão associadas a uma visão ultrapassada e retrógrada, originada da ascensão e valores patriarcais. Tal fato denota a exclusão do homem perante a enfermagem, pois associou o perfil dessa prática totalmente à imagem da mulher.

Esse cenário pode ser inferido do seguinte trecho da Revista Médica de 1906:

(...) “a mulher deveria se dedicar à profissão da Enfermagem, pois ela sempre foi chamada a velar ao lado do leito dos enfermos, a contribuir com a sua paciência, com a sua abnegação, e a sua suavidade ao êxito das prescrições médicas. Quem melhor que o anjo do lar, com sua suavidade esquisita, com sua caridade inesgotável, saberá encontrar o consolo para dores humanas? À mulher cabe mais propriamente e com muitos mais títulos consagrar-se a esta nobre e humanitária profissão de enfermeira” (Dr. Moisés Amaral, p. 353-354)

As ciências da saúde são dominadas principalmente pela figura feminina, excluindo-se a medicina que não enquadra neste modelo, principalmente devido ao status social e científico ao qual a profissão carrega (CUNHA; SOUZA, 2018). Segundo Costa, Freitas e Hagopian (2017) existia a preferência médica pela mulher religiosa de atitudes obediente e subordinada ao médico que seria possuidor de poder e tomava decisões em relação ao corpo clínico. Uma das causas envolvidas na tríade sexo-gênero-sexualidade é a associação e origem da profissão de natureza feminina sendo fator determinante na dificuldade de ingresso do homem. Ademais, outro ponto importante é o questionamento acerca da orientação sexual dos homens enfermeiros, estes são alvos de preconceito e homofobia sendo fator que desencoraja muitos a introdução na profissão, além disso, dificulta a criação de laços entre os profissionais e pacientes (SALES; et. al, 2018).

Arif e Khokhar (2017) citam que o retrato hospitalar é formado no pilar familiar, onde, o papel poderoso do pai era o médico, das mães as enfermeiras e os pacientes seriam os filhos, o homem enfermeiro era antagonista a essa visão patriarcal. Além disso, o gênero ainda é perpetuado como um conceito fortemente movido pelo binarismo, ou seja, masculino e feminino. Entretanto, deve ser entendido como uma construção social dinâmica, variando conforme os tempos históricos (CUNHA; SOUSA, 2018).

Com as normas de Florence Nightingale, a enfermagem se consagrou através de uma assistência técnica-científica, os moldes Nightingaleano somente selecionavam mulheres e seu regime era no formato de internato, o que excluía a presença masculina, marcado pela seleção feminina, o que ocorreu a feminização da enfermagem (COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017). Diante disso, temos como pergunta norteadora: Quando na história da enfermagem houve a introdução do homem para o desenvolvimento da profissão?

Batista (2018) no seu contexto, refere-se que a enfermagem evoluiu em passos lentos e pela qual a entrada do gênero masculino acontece de modo progressivo nos padrões da sociedade em que o cuidado era passado de criação em criação e afirmando-se mais

técnico-científica. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a inserção do gênero masculino na construção da profissão. Outro aspecto importante do artigo é a figura masculina na enfermagem sendo a mesma direcionado aos profissionais da área.

Objetivos

Geral

Elucidar a inserção do gênero masculino na enfermagem.

Específicos

- Evidenciar a participação do homem na construção da profissão da enfermagem;
- Identificar as contribuições do gênero masculino para o desenvolvimento da profissão;
- Demonstrar as dificuldades dos enfermeiros com relação ao gênero na prática do cuidado.

Metodologia

Metodologia é uma união de questionamentos, técnicas e procedimentos utilizados pela ciência para realizar um desenvolvimento e ter a resolução de problemas na aquisição objetiva de conhecimentos de modo sistemático (RODRIGUES, 2007). O presente trabalho foi construído a partir de uma revisão bibliográfica que segundo Rodrigues (2007) é a busca de dados e informações em livros, teses, artigos acadêmicos nacionais e internacionais, no método qualitativo. Mineiro, Silva e Ferreira (2022) definem como meio de busca levando em consideração a ligação do sujeito no ambiente e suas interações sociais, não subestimando características do participante e pesquisador, no qual faça-se o levantamento na busca de explicar as respostas da pesquisa.

Foram utilizados 38 artigos, analisado informações e comparado percepções da inserção masculina pelos redatores, conforme ilustrado no Gráfico 1.

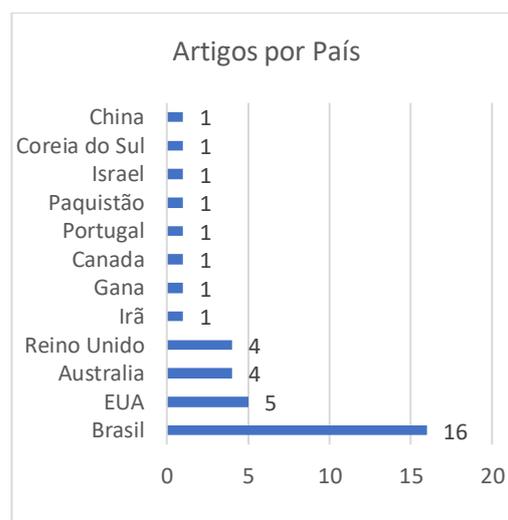


Gráfico 1 – Artigos por Países no Mundo (Fonte: Próprio Autor)

Foram necessárias buscas internacionais devido aos poucos trabalhos nacionais encontrados, demonstrando que a temática ainda é negligenciada no meio acadêmico nacional. Existe também, uma baixa oferta de material estrangeiro, quadro esse que reforça como esse tema é ignorado no meio da pesquisa. Devido a sua complexidade foram utilizados trabalhos a partir dos anos 90 e aos anos que se seguiram, fato esse importante para ser traçado um desenvolvimento do gênero masculino como enfermeiro, bem como a percepção geral dos pesquisadores perante a esse desenvolvimento.

Desde os anos 2000, foi notada a produção em média de um artigo por ano, fato este que demonstra a busca por maiores informações sobre o assunto, contudo houve maiores números de trabalhos entre os anos de 2016 e 2020. Apesar disso, a pesquisa gerou poucos artigos desde então, com apenas um artigo encontrado no ano de 2021 e ainda assim, com o crescimento gradual do tema em meio acadêmico, dada importância e magnitude mundial, são poucos trabalhos com esse enfoque, conforme mostra o Gráfico 2.



Gráfico 2 – Artigos por ano de publicação entre 1991 e 2021 (Fonte: Próprio Autor)

Os idiomas encontrados para a pesquisa demonstraram que apesar da pluralidade de países que pesquisaram o tema, notoriamente o inglês domina o meio acadêmico, sendo o idioma predominante entre os artigos estrangeiros, conforme mostra o gráfico 3.

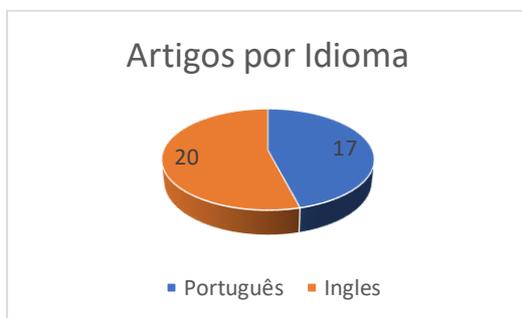


Gráfico 3 – Artigos por Idioma (Fonte: Próprio Autor)

Quanto as fontes de pesquisa, destacou-se o Google acadêmico como melhor fonte, onde encontram-se a maioria dos artigos pesquisados, bem como os periódicos e onde eles estão acondicionados. De novo destaca-se fontes estrangeiras, mais precisamente estadunidenses, mostrando as produções científicas do tema estão mais difundidas em outros países (Gráfico 4). Além disso, foram utilizados os seguintes relatores para pesquisa: enfermeiro, gênero e história da enfermagem.



Gráfico 4 – Fontes de Pesquisa (Fonte: Próprio Autor)

Referencial Teórico

Fundadora da Enfermagem

Florence Nightingale teve um importante papel para enfermagem, nasceu no dia 12 de maio de 1820 na cidade de Florença em uma família rica e aristocrática. Resistiu aos médicos em relação a sua missão e principalmente sendo filha de nobres, foi atuante na Guerra da Criméia para cuidar dos soldados feridos. Realizava limpeza do chão, das roupas, dos leitos e dos ambientes dos doentes, percebeu a importância de um ambiente saudável e limpo para a cura dos enfermos. Durante as noites andava com lâmpada de luz pelos corredores dentre os doentes e ficava conhecida como a Dama da Lâmpada. Um dos marcos dos serviços de Florence além de outros foi a rigidez na escolha das candidatas para serem enfermeiras (PEREIRA, et al. 2020).

Com o passar dos séculos, obteve no campo da saúde a importância da atuação de enfermagem sendo influenciada por Florence tendo exclusividade na atuação a mulher, entendendo que o papel da enfermagem na época no início da profissão dava a mulher a tarefa de cuidar do próximo (BATISTA, 2018). Pereira (2018) traz consigo o conceito de enfermagem trazido por Florence, retirado da Revista Brasileira de Enfermagem 1956:

“A arte da enfermagem é a mais bela das artes e, considerada como tal, requer pelo menos tão delicado aprendizado a pintura ou a escultura, pois que não pode haver comparação o trabalho de quem se aplica a tela morta, ou ao mármore frio, com quem se consagra ao corpo vivo. O cuidar dos doentes é tarefa que sempre coube a mulher e sempre lhe deve caber”
(Revista Brasileira de Enfermagem, 1956, p.8).

Em 1860, Florence criou a primeira escola de enfermagem, onde somente selecionava apenas mulheres para o curso, ficando conhecido como método nightingaliano no formato de internato. Devido a essa característica e modelo, o homem ficou excluído para atuação da profissão (COSTA, 2016), já que ela considerava a profissão como uma extensão dos trabalhos domésticos para as mulheres (ARIF, KHOKHAR, 2017).

Florence elaborou a enfermagem como profissão mais adequada para mulher, impedindo a entrada de homens e seu propósito ganhou êxito, a feminização com a criação e publicação da Lei de Registro de Enfermeiras 1909, já os homens interessados tinham a sua limitação e

atuavam nos hospitais psiquiátricos (SASA, 2019). No século XIX os homens eram considerados inaptos sendo descritos com mãos espinhosas o que prejudicava o cuidado, promovendo também a submissão da mulher em relação ao médico (SALES, 2018). A discussão sobre a figura masculina na participação da enfermagem tende a ser um deslocamento na profissão (PEREIRA, 2011). Atualmente, a enfermagem é vista como um trabalho para mulheres, sendo agravada por estereótipos sexuais e o estigma sobre o homem na enfermagem (SASA, 2019).



Imagem 1. (Fonte: Biblioteca Virtual de Enfermagem)

Participação do homem na história da Enfermagem

Ao interrogar a sociedade, é falada que a enfermagem é um exercício de predominância feminina tanto em nível técnico como superior. Entretanto, os cuidados antigamente não existiam distinção entre homens e mulheres (COSTA, 2016). Matthew (2001), afirma que há documentos que demonstram, onde os homens foram os primeiros a oferecerem os cuidados de enfermagem. O julgamento do significado enfermeiro dá-se uma visão sobre a divisão de gênero na profissão e há evidências que homens no exercício do cuidado datam desde 250 a.C., principalmente com a primeira escola de enfermagem para homens na Índia (SASA, 2019). Na pré-história, com desenvolvimento da escrita há 4.000 anos a.C, os cuidados ficavam restritas às mulheres e os homens eram responsáveis de buscar alimentos e manter a proteção, entretanto, tinha-se a participação do homem nos cuidados como: xamãs, sacerdotes, feiticeiros, curandeiros, mágicos (SALES, 2018).

Com a evolução do homem, o fato do ser nômade e instalando-se o desenvolvimento da construção da civilização humana passando a viver de forma aglomerada

contribuiu para o surgimento e a transmissão de doenças. Em 1792 a 1750 a.C. Hamurabi o maior Rei da Babilônia criou o Código de Hamurabi nele estava descrita condutas aplicáveis a sacerdotes que exerciam a função médica, no qual acontecendo erros nos seus cuidados, cortavam as suas mãos (PEREIRA, et al,2020). Segundo Pereira (1991) no antigo Egito os homens jovens cuidavam dos enfermos e alguns casos das mulheres mais velhas.

Existiam o Código Mosaico de Moisés com padrões religiosos e de saúde, sobre prevenção, notificações, isolamento, quarentena e desinfecção de doenças infecciosas (PEREIRA, et al, 2020). Hipócrates (460 a.C.) é considerado como pai da medicina ensinou os seus discípulos a assistência ao doente através de conhecimentos e habilidades, contribuindo muito para o desenvolvimento na área da saúde interrompendo assim o diagnóstico com base em crenças místicas e superstições (SALES, 2018). Já em Roma, os homens prestavam cuidados aos escravos, gladiadores, soldados e atletas (PEREIRA, 1991). Sales (2018) cita que homens eram treinados para praticar cuidados no Império Romano desde a época de Hipócrates, o império instalou vários hospitais pelas suas cidades e eram muitos os homens que atuavam, eles eram chamados de *nasocomi* que significa homens que cuidam e deste termo que advém a palavra nosocomial designa nos tempos atuais “adquirido no hospital”.

A indicação de homens atuantes em 360 d.C. no período do Império Bizantino, em seus hospitais, era uma profissão específica para homens. Jhon Simon foi fundador de um hospital experimental na Alemanha no período em que acontece a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), onde enfermeiros do sexo masculino foram contratados e demonstrou que a taxa de mortalidade entres os soldados foram bastante baixas (MEADUS, 2000). São Francisco de Assis (1182 a 1226) abandonou seus familiares, realizou voto de castidade e destinou a cuidar dos pobres e necessitados, principalmente as pessoas identificadas como leprosas, fundando assim a ordem Franciscana. A ordem não tinha como objetivo a formação de novos cuidadores, mas tinha como foco em tratar os doentes, assim consolidando a prática de cuidar (PEREIRA, OLIVEIRA, SANTOS, 2020).

Nos séculos, IV e V os homens prestavam cuidados de enfermagem nas ordens religiosas especialmente em sociedades ocidentais (LANDAU, 2014) devido a propagação da igreja católica. Com a chegada da Peste Negra que assolou a Europa ficaram os homens a realizar cuidados de enfermagem, principalmente aqueles que eram de ordens religiosas, militares e não militares (SALES, 2018). Evans (2004), cita algumas ordens militares de enfermagem com predomínio de homens no exercício como: os Cavaleiros de São Lázaro, Cavaleiros Templários e Cavaleiros Teutônicos.

As cruzadas, foram expedições realizadas pela igreja pela conquista de Jerusalém. No fim do século XI, houve a criação de ordens militares para cuidar dos soldados feridos e enfermos durante a guerra, realizadas por homens de ordens clericais e militares. Estes prestavam como cuidados a administração de medicamentos, realização de curativos, banhos, higiene e atenção às necessidades fisiológicas dos doentes. Na Espanha, São João de Deus (1495 a 1550) cuidava dos doentes principalmente aqueles com problemas mentais e desamparados. Na Idade Média a Ordem dos Irmãos de Alexian, formavam um grupo de artesãos que pregavam a palavra de Deus e prestavam cuidados de enfermagem aos mendigos, leprosos, e aqueles para a sociedade eram chamados de idiotas e loucos. Nos EUA (Estados Unidos da América), a ordem ficou muito conhecida pelo seu cuidado aos pacientes com problemas mentais (COSTA; 2016).

São Camilo de Lelis (1510 a 1614), serviu como militar e cuidou dos doentes no Hospital São Giacommo como forma de pagamento devido ao tratamento de uma ferida de difícil cicatrização no seu pé direito. Percebia que, aqueles que ficavam sem assistência e eram abandonados, realizava-se uma campanha de homens com intuito de cuidar dos doentes e pobres voluntariamente. São Vicente tornou-se sacerdote na ordem de São Francisco de Assis, praticava visitas domiciliares, missões, desenvolveu conhecimento e aprendeu a cuidar dos doentes. (PEREIRA, OLIVEIRA, SANTOS, 2020).

Pereira, Oliveira e Santos (2020) relatam que em 1500 o Estado foi omisso em relação à assistência às pessoas durante o período da colonização, sendo predominante o cuidado no formato de

caridade. Nesse período o Padre José de Anchieta (1534 a 1587) deu início aos cuidados da enfermagem no nosso país oferecendo educação e saúde aos indígenas. SALES (2018), cita que no século XVIII Frei Fabiano de Cristo praticou atividades de enfermagem durante os 40 anos no Convento Santo Antônio, no Rio de Janeiro, evidenciando a prática de cuidados por parte de escravos, sendo auxiliares dos religiosos aos doentes. Costa (2016), relata que ao final do século XIX, os médicos tinham preferência por homens, dóceis, habilidosos e não grosseiros.

As ações de saúde no Brasil, eram realizadas também por médicos barbeiros, cirurgiões-dentistas e curandeiros (SALES, 2018). Evidencia-se também em um trecho da obra de Machado de Assis chamado "O Enfermeiro" o exercício da enfermagem praticadas por homens no Brasil colônia citadas por MACHADO (2004):

"[...]Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dous olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso maligno alumiu-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera, prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dous eram até gatunos! [...]" (Machado de Assis, 1994. P. 37 a 36).

No século XIX, vieram as primeiras enfermeiras para o Brasil no modelo Nitingeliano, tendo as primeiras escolas de enfermagem de acordo e com formato criado por Florence no modelo de internato somente para mulheres (COSTA, 2016). Em 1890, foi criado o Decreto nº 580, de 21 de julho por Marechal Teodoro da Fonseca, aprovando a Assistência ao Hospital dos Alienados, onde ocorreram mudanças na prática da assistência de enfermagem e na divisão em alas em masculinas e femininas se transformando na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Hospício Nacional dos Alienados, tendo seu funcionamento iniciado em 1905 e a sua primeira turma tinha inscrita 27 homens e sete mulheres (CUNHA, SOUZA, 2017). Benoni Souza Lima foi o primeiro homem no país a estudar na USP em 1918 no curso de enfermagem (SALES, 2018).



Imagem 2. (Fonte: Acervo do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana)

Theodor Flindner (1800 a 1864), nasceu na Alemanha, viajou por vários lugares e observou a situação dos pobres e doentes. Após as guerras de Napoleão, casou-se com Frederika e começou a ajudar os doentes e órfãos (PEREIRA, OLIVEIRA, SANTOS, 2020).

Na Índia, existia a crença que os homens eram puros para o exercício do cuidado, os enfermeiros hindus adquiriam aptidão técnicas, conhecimentos culinários, preparo de medicações, sendo obrigados a serem puros, dedicados e cooperadores (SALES, 2018). Durante a Guerra Civil Americana (1861-1885), os homens em ambos os lados, já atuavam na assistência no cuidado durante a guerra, não é revelado em documentos se esses homens recebiam títulos de enfermeiros, mas a literatura os colocava como enfermeiros (MATTHEWS, 2001).

Jayapal e Arullappan (2020), citam as mudanças no exercício da profissão para homens na história da Índia após o desenvolvimento da enfermagem durante o século XX promulgados por Florence, a atuação na prática era mínima, as novas escolas de enfermagem dificultaram o seu exercício, afirmavam ainda na didática dos estudos, onde não eram ensinados cuidados para homens e mulheres sobre sistema reprodutores femininos e masculinos. Decretos e leis foram criados durante os anos para o reconhecimento do gênero durante muito tempo. Em 1900, já havia registros nos EUA sobre a participação de homens na assistência da enfermagem, sendo assim sua representatividade era de 9% em todo continente americano e durante os anos subsequentes foram ocorrendo a queda sendo que em 1930 os homens na enfermagem eram de aproximadamente

2%. Há relatos que mesmo graduados tinham poucas oportunidades comparados as enfermeiras mulheres e cursos de pós-graduação era quase inexistente (D'ANTONIO, WHELAN, 2009).

Na escola de enfermagem em Portugal, já existiam homens atuantes e mantiveram-se mesmo depois da profissionalização por Florence no século XX. As primeiras escolas de enfermagem portuguesas eram mistas, onde os enfermeiros atuavam após a sua formação nas alas masculinas, mesmo depois da feminização da profissão, essa mudança ocorreu após a ditadura de Salazar recebendo influência de outros países com as mudanças na enfermagem. Salazar foi um ditador português que governou entre os anos de 1940 e 1970, ocorrendo no seu governo a discriminação de gênero e sua visão patriarcal sobre a feminização do cuidado, onde fora criado um decreto na enfermagem em que só atuariam mulheres tendo como exceções as áreas urológica e psiquiátrica (DA SILVA, 2012).

Evans (2004), retrata que os homens prestavam cuidados na história sendo atendentes em hospitais, prestando cuidados aos alcoólatras, pacientes violentos, doentes mentais e homens com problemas geniturinários. Somando ainda, os cuidados a leprosos e loucos mantendo esses cuidados mantidos até hoje, ao qual ocorre a forte associação de homens nos cuidados na saúde mental. No Canadá por volta dos anos 40 e 50 já havia escolas que aceitavam a introdução de homens mesmo ainda os números sendo poucos.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma grande carência na enfermagem. Na Grã-Bretanha entre 1943 e 1949 o Ministro da Saúde do país promoveu cursos para ex-militares, na área teve um aumento no número de enfermeiros (EVANS, 2004). Em 1970, na Austrália as leis regiam a proibição da atuação do enfermeiro como parteiro criada na década de 50, mas três enfermeiros na história do país sendo: John Chapman, Christopher James e Allan Gibson mudaram essa realidade (PITTMAN, FIRZGERALD 2011). Entre 1980 e 1988 durante a Guerra Irã-Iraque houve a importância da ingressão de homens na atuação de enfermagem, esse evento ocorreu devido a necessidade de homens cuidarem dos soldados feridos nas forças armadas e a sociedade política e a população do país exigiam voluntariedade

de homens em áreas de guerra (NASRABADI, LIPSON e EMAMI 2004).

Na atualidade, foi realizada uma pesquisa entre Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) (2015), conforme mostram os gráficos 05, 06 e 07, que demonstrou um crescimento importante no número de homens enfermeiros no país, registrando 15%, sendo que esse número começou e manteve-se em seu crescimento desde 1990. A distribuição por sexo é bem uniforme, com a porcentagem de homens como enfermeiros e como auxiliares/técnicos girando em torno de 15%.

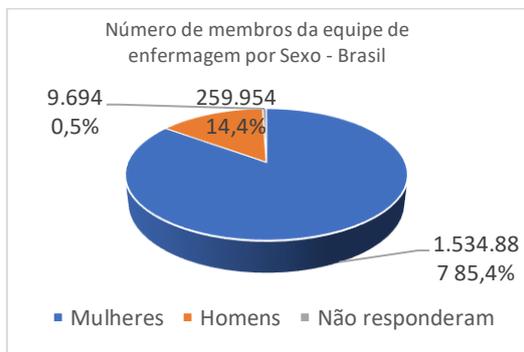


Gráfico 5. (Fonte: COFEN 2015)

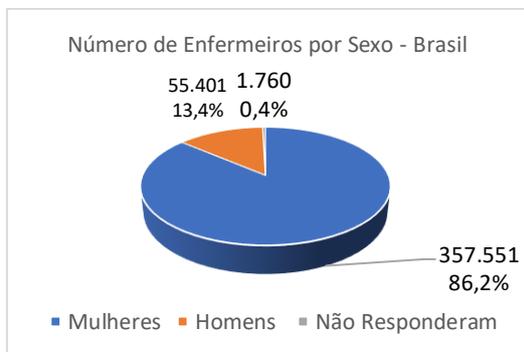


Gráfico 6. (Fonte: COFEN 2015)

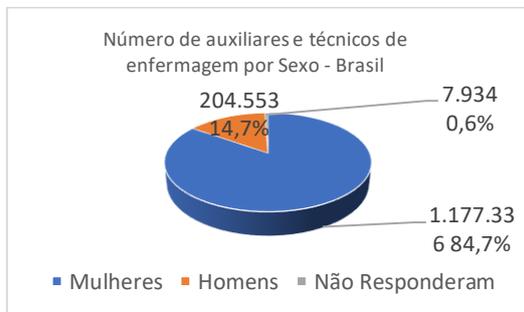


Gráfico 7. (Fonte: COFEN 2015)

Jaypal e Arulappan (2020), trazem dados do número de homens em outros países como na África Francófona, existem mais enfermeiros homens do que mulheres no

país, considerada uma exceção no mundo. Na Europa, 20% são homens atuantes como enfermeiros, Reino Unido 11% há registros de homens como parteiros, 11,75% na Austrália, Canadá 9,5%, nos EUA havia cerca de 4 milhões de enfermeiros ativos, Japão 6,2%, na China cerca de 1% e não há dados publicados sobre o número de enfermeiros nos países como Oriente Médio, Índia e Filipinas. (Tabela 1).

Países	Enfermeiros	Enfermeiras
União Europeia	20%	80%
Austrália	11,75%	88,25%
Canadá	9,50%	90,50%
Japão	6,20%	93,80%
China	1%	99%
Reino Unido	11%	89%
EUA	5,26%	94,74%

Tabela 1. (Fonte: Próprio Autor)

Diante disso, o papel do homem é tão importante quanto o da mulher mantendo-se na arte do cuidado. Apesar dos avanços ainda se tem dificuldades da inserção da figura masculina na profissão determinada como uma profissão feminina, sendo uns dos desafios o preconceito estigmatizado na sociedade perante o enfermeiro masculino (SALES, 2018). Todo contexto da participação do homem na enfermagem encontra-se ilustrado no anexo I.

Gênero na Enfermagem

O processo de formação da identidade profissional segue como todas as outras profissões, se concretiza através de uma construção social, cultural e política. A inserção do homem na enfermagem encontra barreiras, principalmente partindo que o homem só obtenha ações masculinas (CUNHA, SOUZA, 2017). Ressalta-se ainda a construção de homem e mulher na profissão, os registros percorridos por ambos demonstrando a divisão sexual do trabalho, direcionando a valorização da mulher e a marginalização do homem (PEREIRA, 2008). Na atualidade, os enfermeiros homens sofrem desafios na profissão em relação ao gênero, ao qual não conseguem atuar em algumas áreas como: obstetrícia e ginecologia, pois essa preferência é para as mulheres. Essa segregação na enfermagem e gênero é um fator que determina uma divisão técnica,

social e política do trabalho, faz-se com que tenha menor valor profissional tanto para homens como para mulheres (SALES, 2018).

A segregação da profissão é evidenciada na Grã-Bretanha em 1919, quando a prática de enfermagem se tornou regulamentada com o registro de todas as enfermeiras no *Royal College of Nurses*, sendo que os homens tinham um registro separado das enfermeiras determinando como uma profissão feminina e por mais separados esse registro obtinha 16 enfermeiros homens inscritos (EVANS, 2004). Pereira (2019) observa que o enfermeiro está sendo utilizado na enfermagem em áreas onde exijam maior força física aplicados os mesmos em áreas como neurologia, psiquiatria, traumatologia e emergência, sendo o homem uma preferência em algumas instituições hospitalares em áreas que dependem de grande força.

Sales (2018) relata que há consequências na divisão sexual de trabalho na enfermagem que impactam a atuação, no caso da coleta de exame citopatológico, existem grandes recusas por parte das pacientes em serem atendidas por enfermeiros, diferente no caso do médico homem levando a desvalorização social da profissão. Matthewa (2001), cita que homens e mulheres são atraídos por diferentes motivos, sugerindo que elas se tornam enfermeiras muitas vezes pelo domínio da profissão e sua história, já homens caem por acidente, muitos depois de sofrerem algum acidente e os cuidados realizados pelas enfermeiras lhe dá uma grande comoção.

Pereira (1991), define o preconceito sexual ainda mesmo nas instituições de ensino, fazendo elucidação quando homens não faziam aulas de obstetrícia, não iam aos alojamentos da maternidade, consideradas tipicamente de trabalho feminino, demonstrando alegações de que o conteúdo não é necessário para homens, em que as pacientes não os aceitariam, tornando-os dispensáveis para formação de enfermeiros homens e que a instituição não aceita homens na maternidade. Ao utilizar propagandas com enfermeiras em determinados medicamentos, traz assim as questões de gênero em décadas passadas,

esses mesmos informes retratavam a imagem feminina na enfermagem atravessando questões sobre gênero que dizem respeito a enfermeiros e enfermeiras (PEREIRA, 2011). Na escola Ana Nery, tinha-se a exclusão de homens para o curso, pois eram tidos como inapropriados não só eles, mas mulheres negras eram também marginalizadas, estavam fora dos “Padrões Ana Nery”, onde evidenciava as desigualdades de gêneros e sociais (SANTOS, CAREGAL, 2020).

Pereira (2011), cita que isso só reforça a ter uma divisão sexual do trabalho, obtendo afastamento do feminino e masculino na profissão de enfermagem somado às relações de poder e interações com outras categorias profissionais, principalmente aquelas majoritariamente masculinas como a medicina. A tentativa de consolidar a profissão a uma imagem positiva e feminina só fez com que criassem estereótipos nas relações de gênero no ambiente de trabalho e isso se mantém até os dias atuais. Os costumes culturais só reforçam os papéis de gênero sendo indiretamente responsáveis por poucos homens na enfermagem, fazendo com que abstém de procurar a profissão devido a sua relação com feminilidade (ASHKENAZI, 2016). Chang e Jeong (2021), realizou um estudo e percebeu um fenômeno, onde pacientes femininas recusam a receber cuidados de enfermeiros, elas não o veem como profissional, isso só demonstra a estereotipação da profissão a um trabalho feminino. Kronsberg, Bouret e Brett (2017) retratam que o homem sofre com abusos, isolamento e estereótipos.

Arif e Khokhar (2020), descreve em um estudo realizado em enfermeiros relacionados a sua inteligência emocional desenvolvidos por Mayer e Peter Solovey, onde os pesquisadores estudaram as habilidades de homens enfermeiros como inferiores à das suas colegas de classe. Esse mesmo estudo trouxe informações que não haveria evidências em relação a questão dos indivíduos homens em comparação as suas colegas, evidenciando que os homens em toda sua trajetória com estudos com as colegas desenvolvem suas habilidades emocionais e que muitos após sua formação procurem áreas com

especialidades onde o cuidado emocional é importante.

Estereótipo de homens na enfermagem como homossexual

A sexualidade é uma das definições entalhada no nosso corpo para posição da pessoa como sujeito, com isso a definição de masculino e feminino é necessário passar por subsídios que são definidos pela sociedade como heterossexual. Somado a isso, a masculinidade pode ficar em dúvida quando homens ingressam no curso de enfermagem (PEREIRA, 2008). A sociedade ainda é enraizada com uma cultura patriarcal no qual o homem é aquele que tem o poder e autoridade moral, quando ele atua em uma profissão majoritariamente feminina, esse se torna alvo de preconceitos, partindo de todos: das instituições, médicos e das enfermeiras (SILVA, 2017).

Preconceitos e estereótipos sempre fizeram parte do exercício da enfermagem, estabelecidos pelo simples fato da profissão ter um desempenho manual e ser predominante por mulheres, levando a essa prática a sua desvalorização (JESUS, MARQUES, 2010). Batista (2018), refere-se que os homens na enfermagem ainda não superaram a discriminação em torno da cultura criada pela sociedade, pois o homem ao entrar na enfermagem tem que dividir espaço com as mulheres e ganham o menosprezo. Harding (2017), afirma que na cultura ocidental, a masculinidade hegemônica ela é branca, heterossexual e classe média e ter atitudes consideradas como aceitáveis pela sociedade, aqueles que tenham atitudes diferentes são marginalizados como os homossexuais e por isso muitos enfermeiros são vistos como gays, sendo desviantes do que é considerado masculinidade hegemônica.

Os enfermeiros ainda sofrem preconceito no contexto social e no ambiente de trabalho, sendo questionados muitas vezes pela sua orientação sexual, levando uma barreira entre profissional e paciente. Os rótulos que acompanham sempre o enfermeiro é por ele ser homossexual esse dentre outros é um dos estigmas que acompanha o enfermeiro até os dias atuais (SALES, 2018). Costa (2016), realizou um estudo sobre a trajetória

de homens na enfermagem e suas dificuldades no início da inserção do gênero na USP (Universidade Federal de São Paulo), através de dados coletados dos entrevistados a desconfiança por parte de alguns alunos e educadores na época trazia muitas vezes falas preconceituosas e de desconfiança sobre a masculinidade dos enfermeiros ou até mesmo exclusão deles, reforçando que a quantidade de homens em décadas passadas era mínima.

Costa, Freitas e Hagopian (2017), traz essa elucidação quanto ao fato, em um jornal da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) de um comentário a um rapaz que ingressou no curso de enfermagem, fazendo referência a sua orientação sexual:

“Congratulamo-nos com o sexo forte por ter, enfim, conseguido lançar uma cabeça de ponta na E.E.(fazendo menção à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo), pois acaba de ingressar na mesma um moço (Homem, mesmo!!!). A notícia, como era de se esperar causou preocupações entre os galãs, namorados ou noivos e mesmo entre os neutros. Porém, a reportagem na sala 4048 acaba de apreçoar a seguinte notícia tranquilizadora: “o rapaz é distinto e ‘externo!!!’(upa!?!). K.K”.

Homens que escolhem a enfermagem são tidos como gays e ou afeminados por causa da escolha da carreira, a sociedade também os chamam de “emasculado “ definido como masculinidade inferior, para fortalecer a sua masculinidade alguns falam dos seus filhos, esposas e até a mostram a aliança como forma de combater esse estereótipo, são também taxados como desafiantes heterossexuais definido como que desafia os conceitos heterossexuais e ou predadores sexuais na tentativa de terem oportunidade de abusar dos pacientes (SASA,2019).

Em um cartaz para alistamento divulgado pela o *Oregon Center for Nursing* em 2003 retornado para homens e crianças, o poster faz a seguinte pergunta: “*você é homem suficiente para ser enfermeiro?*” retratando os enfermeiros como machos e fortes

distanciando da figura homossexual, o cartaz traz a elucidação de que para ser da enfermagem você precisa ser homem de verdade (EVANS, 2004).

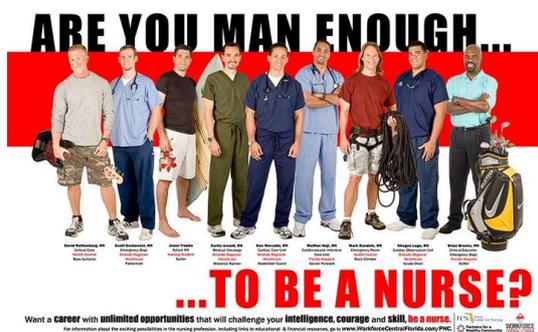


Imagem 3. Poster Oregon Center for Nursing para Recrutamento de Homens para Enfermagem (2003). (Fonte: Inequality by Design)

Além disso, o recrutamento de homens pode ser prejudicado com a percepção de que são homossexuais (ARIF, KHOKHAR, 2017). Homens na enfermagem sofrem com abuso homofóbico, sendo xingados e maltratados, enquanto o enfermeiro era visto como heterossexual em cuidados na psiquiatria, outras áreas comprometem a sua masculinidade, muitos se sentem inferiores em uma profissão altamente feminina (BROWN, 2009). Outro ponto, é que alguns livros didáticos sempre fazem referência a enfermagem utilizando o pronome “ela” somado ainda a omissão de homens na história da enfermagem, contribuindo no rótulo de serem gays e afeminados (BUDU, 2019).

Contribuições dos homens na enfermagem

SALES (2018), retrata sobre a contribuição dos homens no exercício da profissão de forma positiva, faz com que os enfermeiros tenham a oportunidade de conhecer a sua contribuição na construção da enfermagem com total consciência na participação e posição da construção da história da enfermagem. Ainda é importante que na introdução do homem na prática de enfermagem tenha a mitigação dos estereótipos, preconceitos e dificuldades sofridas pelos enfermeiros. Segundo Cunha e Souza (2017), a enfermagem se consagrou como profissão devido a participação dos homens e predomínio no mercado de trabalho.

O aparecimento de homens nos sindicatos e associações de enfermagem portuguesas,

foi importante para união dos profissionais de enfermagem no avanço da profissão (DADSILVA, 2012). Os Irmãos Alexian ao desafiarem a questão de gênero criaram um sistema de cuidado que não reconhecia só como responsabilidade da mulher, mas também para homens. Os estereótipos foram desafiados e navegaram por vários países, atuaram como administradores de escolas de enfermagem, soldados e profissionais (ARIF, KHOKHAR, 2018).

Os Cavaleiros de Jerusalém, continuam até os dias atuais, sendo a *St Jhon Ambulance Association*, uma fundação formada pela ordem em 1877 para capacitar homens e mulheres em primeiros socorros e para cuidar de doentes e feridos em tempos de guerra e paz. Os irmãos Alexianos com a mitigação da peste no século XVII tornaram conhecidos por sua função em cuidar dos doentes mentais, uma assembleia que se expandiu-se até o século XX nos EUA, onde estabeleceram escolas de enfermagem para treinar homens em enfermagem psiquiátrica (EVANS, 2004).

Evans (2004), retrata que em 1937 criou-se a *Society of Registered Male Nurses* coordenada pelo enfermeiro o Edward Glavin devido à falta de uma enfermagem qualificada aos cuidados com pacientes em problemas mentais. Promovendo a capacitação de homens na assistência aos pacientes, auxiliando seus membros sempre com técnicas modernas para a assistência, mantendo um alto padrão de qualidade e habilidade profissional. Nos EUA, foi criada uma ordem semelhante em 1971, a *American Assembly for Men in Nursing*, demonstrando como um problema de sexismo e preconceito que impedia os enfermeiros em participar das organizações da categoria, sendo assim, visavam o recrutamento de mais homens e destaque na profissão. No Canadá, liderados por Albert Wedgery, criou-se o Comitê de Enfermeiros Masculinos em 1956 com o objetivo de aumentar a entrada de homens na enfermagem e estimular a sua formação de homens enfermeiros.

O início da introdução de homens no curso de enfermagem, fez-se com que a situação transformasse principalmente no nosso país, começando a assumir cargos de direção, líderes nos hospitais e instituições de saúde, ao termo “Enfermeiro” passou a ser inseridos nos textos e falado fazendo a referência a profissão e a inclusão de homens (BATISTA, 2018). Em 1938, ao ser

estabelecido pelo Decreto número 2956 de 10 de agosto de 1938 o criou-se Dia do Enfermeiro, comemorado em 12 de maio nacionalmente, observando a supremacia do homem em uma data importante e na sua proporção formada pelo gênero feminino (PADILHA, VAGHETTI e BRODERSEN, 2016). Em uma pesquisa realizada por SOUZA (2019), traz a participação de homens enfermeiro na construção da profissão e desenvolvimentos no estado do Distrito Federal entre 1920 e 1940 publicado em jornais:

Enfermeiros cargo/função	Titulado em	Título, periódico e publicação	Temática da notícia
1 Américo Paulo da Cunha 1º secretário da Associação Beneficente dos Empregados do Departamento Municipal de Assistência Pública	1928	A. B. dos Empregados do Departamento Municipal de Assistência Pública Diário Carioca 18/11/1928	Entidade de Classe Civil
2 Américo Paulo da Cunha Presidente da Associação Beneficente de Assistência Municipal	1928	A Associação B. dos Empregados da Assistência Municipal e a posse de sua nova diretoria Jornal do Brasil 17/06/1931	Entidade de Classe Civil
3 Américo Paulo da Cunha Membro da Diretoria Geral de Assistência	1928	Foram nomeados na Diretoria Geral de Assistência Jornal do Brasil 13/06/1933	Instituição de Saúde Civil
4 Américo Paulo da Cunha Presidente do Sindicato dos Enfermeiros Terrestres faz elogio público	1928	Elogiado pelo "Sindicato dos Enfermeiros Terrestres" o Sr. Irineu Malagueta Jornal do Brasil 21/10/1936	Entidade de Classe Civil
5 Américo Paulo da Cunha Chefe de Enfermagem	1928	Na Secretaria Geral de Saúde e Assistência Promovido a Jornal do Brasil 25/06/1937	Instituição de Saúde Civil
6 Américo Paulo da Cunha Procurador do Sindicato dos Enfermeiros Terrestres	1928	Sindicato dos Enfermeiros Terrestres Jornal do Brasil 28/03/1939	Entidades de Classe Civil
7 Américo Paulo da Cunha Membro de mesa como presidente da Associação Beneficente dos Empregados da Assistência Pública em comemoração	1928	A Associação dos Empregados da Assistência Municipal inaugurou seu novo pavilhão a construção do novo pavilhão da associação Diário Carioca 26/12/1935	Entidade de Classe Civil
8 Vicente Ferreira Pacheco Contratação como enfermeiro do Hospital Gaffrée Guinle	1929	Enfermeiros contratados Jornal do Brasil 08/09/1932	Instituição de Saúde Civil
9 Vicente Ferreira Pacheco Aprovação para concurso de enfermeiro do exército	1929	Foram aprovados no exame de habilitação para enfermeiros militares Diário de Notícias 27/08/1932	Instituição de Saúde Militar
10 Mario Menezes Vieira Contratação como enfermeiro da Secretaria Geral de Saúde e Assistência	1930	Na Secretaria Geral de Saúde e Assistência Jornal do Brasil 01/07/1937	Instituição de Saúde Civil
11 Mario Menezes Vieira Associado do Sindicato dos Enfermeiros Santários da Marinha Mercante	1930	Sindicato dos Enfermeiros Santários da Marinha Mercante Diário Carioca 19/12/1935	Entidade de Classe Militar
12 Renato Silva Santos Nomeação como enfermeiro da Secretaria Geral de Saúde e Assistência	1937	Na Secretaria Geral de Saúde e Assistência Jornal do Brasil 04/06/1938	Instituição de Saúde Civil
13 Benedito Joaquim Monteiro Nomeação como enfermeiro do Hospital Miguel Couto	1939	Departamento de Assistência Hospitalar Jornal do Brasil 19/08/1939	Instituição de Saúde Civil

Notícias vinculadas em jornais no Distrito Federal sobre Enfermeiros (1920 a 1940) e seus cargos. Fonte:

Enfermeiros nas páginas da imprensa escrita no Distrito Federal (1920-1940).

Benefícios do homem na Enfermagem

Pereira (2008) traz que a existência do homem na enfermagem contribui na composição de respeito e confiança, devido ao masculino ser representado na nossa sociedade como liderança e importante no ambiente de trabalho. Essa visão é criada através dos conceitos na nossa cultura, enquanto a mulher tem a suas qualidades naturais tais quais o amor, carinho e entre outros definidos através da própria Florence. O homem tem como partida a racionalidade, conhecimento científico, ou seja, a diferentes modos de cuidar essenciais e relevantes principalmente no processo de trabalho. Sasa (2019) afirma que a manter uma proporção de homens e mulheres na enfermagem, sustenta a força de trabalho e enriquece a profissão ao colocar em conjuntos talentos e visões masculinas e femininas.

Em um estudo realizado por Costa (2016) muitos dos entrevistados relataram a praticidade de arrumarem emprego principalmente através de convite e recomendações logo após a sua formação e principalmente atuação na área de ensino. A atuação nos Institutos de Educação Superior (IES) e comum entre os homens, principalmente a aqueles que já tenham uma grande atuação na profissão na tentativa de empregos e cargos melhores, além de status social e profissional, a maioria dos homens procuram atuarem na educação, gerenciamento e ambientes com mais tecnologias como em UTI (Unidades de Tratamento Intensivo) (COSTA, FREITAS E HAGOPIAN, 2017).

Silva (2017) e Sales (2018) aponta que os enfermeiros têm maiores facilidades em encontrar cargos de comandos e chefia em relação as mulheres, mesmo que comparado ao tempo de formação. Em suma, a maioria de alguns representantes de saúde devido à proximidade com a prática médica, aquela de maior conhecimento entre seus pares, estariam mais aptos em posição de mando, seriam mais respeitados e optem maior moralização nos plantões (SILVA, 2017). Homens que permanecem na enfermagem

por um longo período começa a ter uma importante participação nos seus setores, tendo percepção e sentimento de autorrealização (ZHANG, 2020).

Os cuidados de homens na enfermagem são vistos como especiais em comparação a de enfermeiras; a quantidade pequena de homens no exercício da profissão, as especialidades na assistência de cuidados dos enfermeiros homens, contribuem para o alto status aos homens nos dias de hoje que desfrutam da profissão (EVANS, 2002). A pluralidade de talentos, ideias e compromisso disponíveis na enfermagem é incrível, uma pessoa que escolhe a profissão que requer força física, façanha intelectual e estado benevolente tem artifícios pessoais e profissionais para cuidar de pacientes (SULLIVAN, 2000).

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente a Deus, pela força necessária para continuar nos momentos onde não fazia mais sentido tentar; A nossa família, pela paciência, apoio, abnegação, luz e principalmente por acreditarem em nós, quando nos mesmos não acreditávamos; aos professores e coordenadores, pelas inúmeras facilidades que recebemos ao longo do curso, pelo conhecimento que nos foi útil na construção não só deste trabalho, mas do nosso caráter quanto profissional e pessoal; aos colegas e amigos, pelo companheirismo impar durante todo o curso.

Conclusão

A trajetória histórica de homens na enfermagem foi marcada por contribuições significativas ao longo dos séculos. Embora a profissão tenha sido tradicionalmente dominada por mulheres, os homens desempenharam papéis importantes desde tempos remotos assumindo práticas essenciais de curandeiros, sacerdotes e enfermeiros em diferentes contextos históricos.

No século XX houve um aumento gradual da presença masculina na enfermagem, apesar dos estereótipos de gênero e preconceitos enfrentados por esses profissionais. Hoje, os homens continuam a desempenhar um papel fundamental na enfermagem. A diversidade de gênero no exercício da profissão é fundamental para

garantir um sistema de saúde inclusivo e abrangente, a perspectiva e experiências únicas dos enfermeiros homens acrescentam uma dimensão importante aos cuidados dos pacientes, possibilitando uma abordagem mais holística e sensível as necessidades de pessoas de diferentes origens e vivências.

A história da enfermagem masculina é uma prova do potencial transformador das quebras de estereótipos de gênero e da importância de reconhecer e valorizar o papel dos homens nessa profissão. Ao longo dos tempos, esses profissionais têm desafiado normas sociais e culturais demonstrando que o cuidado é uma responsabilidade e aptidão de todos, independente do gênero.

É essencial continuar promovendo a inclusão de homens na enfermagem e criar ambientes de trabalho que valorizem e respeitem a diversidade de gênero, contribuindo assim para um avanço contínuo da enfermagem como uma profissão vital para o bem-estar da humanidade.

Anexo

PARTICIPAÇÃO DO HOMEM NA HISTORIA DA ENFERMAGEM

4000 A.C

Os cuidados ficavam restritas às mulheres e os homens eram responsáveis de buscar alimentos e manter a proteção, entretanto, se tinha a participação do homem nos cuidados como: xamãs, sacerdotes, feiticeiros, curandeiros, mágicos (SALES, 2018).



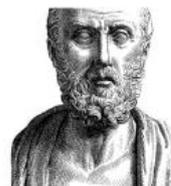
**1792 A 1750
A. C.**

Hamurabi o maior rei da Babilônia criou o Código de Hamurabi nele estava descrita condutas aplicáveis a sacerdotes que exerciam a função médica, no qual ocorrendo erros nos seus cuidados cortavam as suas mãos (PEREIRA, et al,2020). Segundo PEREIRA (1991) no antigo Egito os homens jovens cuidavam dos enfermos e alguns casos das mulheres mais velhas.



460 A.C.

Hipócrates considerado como pai da medicina ensinou os seus discipulos a assistência ao doente através de conhecimentos e habilidades, contribuindo muito para o desenvolvimento na área da saúde interrompendo assim o diagnóstico com base em crenças místicas e superstições (SALES, 2018). Em Roma os homens prestavam cuidados aos escravos, gladiadores, soldados e atletas (PEREIRA, 1991).



360 D.C.

A indicação de homens atuantes no período do Império Bizantino, em seus hospitais, era uma profissão específica para homens.



**1182 -
1226**

São Francisco de Assis abandonou seus familiares, realizou voto de castidade e destinou a cuidar dos pobres e necessitados, principalmente as pessoas identificadas como leprosas, fundando assim a ordem Franciscana. A ordem não tinha como objetivo a formação de novos cuidadores, mas focada em tratar os doentes, assim consolidando a prática de cuidar (PEREIRA, OLIVEIRA, SANTOS, 2020).



**SÉCULO
IV A V**

Os homens prestavam cuidados de enfermagem nas ordens religiosas especialmente em sociedades ocidentais (LANDAU, 2014) devido a propagação pela igreja católica, com a chegada da peste negra que assolou a Europa ficaram restritas aos homens realizando cuidados de enfermagem principalmente daqueles que eram de ordens religiosas, militares e não militares (SALES, 2018). Ordem dos Irmãos de Alexian, foram um grupo de artesãos que pregavam a palavra de Deus e prestavam cuidados de enfermagem aos mendigos, leprosos, e aqueles para a sociedade eram chamados de idiotas e loucos.



PARTICIPAÇÃO DO HOMEM NA HISTORIA DA ENFERMAGEM

1495-1550

São João de Deus cuidava dos doentes principalmente aqueles com problemas mentais e desamparados (COSTA, 2016).



1510-1614

São Camilo de Lelis serviu como militar e cuidou dos doentes no Hospital São Giacommo como forma de pagamento devido ao tratamento de uma ferida de difícil cicatrização no seu pé direito. Observando aqueles que ficavam sem assistência e abandonados, ele realizou uma campanha de homens com intuito de cuidar dos doentes e pobres voluntariamente.



1534 - 1587

Padre José de Anchieta foi ele que deu início aos cuidados de enfermagem no nosso país oferecendo educação e saúde aos indígenas. SALES (2018) relata que no século XVIII o Frei Fabiano de Cristo praticou atividades de enfermagem durante os 40 anos no Convento Santo Antônio, no Rio de Janeiro, evidenciando a prática de cuidados por parte de escravos, sendo auxiliares dos religiosos aos doentes.



1800 - 1864

Theodor Flindner (1800 a 1864) nasceu na Alemanha, viajou por vários lugares e observou a situação de pobres e doentes após as de guerras de Napoleão, casou-se com Frederika e começou a ajudar os doentes e órfãos (PEREIRA, OLIVEIRA, SANTOS, 2020). Durante a Guerra Civil Americana (1861-1885) os homens em ambos os lados já atuavam na assistência no cuidado durante a guerra, não é revelado em documentos se esses homens recebiam títulos de enfermeiros, mas a literatura os colocava como enfermeiros (MATTHEWS, 2001).



1890 - 1918

Em 1890, foi criado o Decreto nº 580, de 21 de julho por Marechal Teodoro da Fonseca aprovando a Assistência ao Hospital dos Alienados ocorrendo mudanças na prática da assistência de enfermagem também na divisão em alas em masculinas e femininas se tornando a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Hospício Nacional dos Alienados tendo seu funcionamento 1905 a sua primeira turma tinha inscrita 27 homens e sete mulheres (CUNHA, SOUZA, 2017). Benoni Souza Lima foi o primeiro homem no país a estudar na USP em 1918 no curso de enfermagem (SALES, 2018).



1917 1911
Benoni Souza Lima

SÉCULO XX

No exercício da profissão para homens na história da Índia após o desenvolvimento da enfermagem durante o século XX promulgados por Florence, a atuação na prática era mínima, as novas escolas de enfermagem dificultaram o seu exercício. Em 1900 já havia registros nos EUA a participação de homens na assistência de enfermagem sua representatividade era de 9% em todo continente americano e durante os anos que se seguiram foi ocorrendo queda sendo que em 1930 os homens na enfermagem eram de aproximadamente 2%.



Referências

ARIF, Shireen; KHOKHAR, Sami. A historical glance: Challenges for male nurses. **JPMA The Journal of the Pakistan Medical Association**, v. 67, n. 12, p. 1889-94, 2017. Disponível em [Um olhar histórico: Desafios para enfermeiros - PubMed \(nih.gov\)](#)

ASHKENAZI, Liat et al. Enfermeiros em Israel: barreiras, motivação e como são percebidos pelos estudantes de enfermagem. **Revista Profissional de Enfermagem**, v. 33, n. 2, p. 162-169, 2017. Disponível em [Enfermeiros em Israel: barreiras, motivação e como são percebidos por estudantes de enfermagem - ScienceDirect](#)

BARRETT-LANDAU, Susan; HENLE, Sharon. Men in Nursing: Their Influence in a Female Dominated Career. **Journal for Leadership and Instruction**, v. 13, n. 2, p. 10-13, 2014. Disponível em [ERIC - EJ1081399 - Homens na Enfermagem: Sua Influência em uma Carreira Dominada por Mulheres, Journal for Leadership and Instruction, 2014 \(ed.gov\)](#)

BATISTA, Ney Daniel. A FIGURA MASCULINA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM BRASILEIRAS. Revista da Saúde da AJES, v. 4, n. 8, 2018. Disponível em [A FIGURA MASCULINA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM BRASILEIRAS | Batista | Revista da Saúde da AJES](#)

BROWN, Brian. Men in nursing: Re-evaluating masculinities, re-evaluating gender. **Contemporary Nurse**, v. 33, n. 2, p. 120-129, 2009. Disponível em [Men in nursing: Re-evaluating masculinities, re-evaluating gender: Contemporary Nurse: Vol 33, No 2 \(tandfonline.com\)](#)

BUDU, Hayford Isaac et al. "I prefer a male nurse to a female nurse": patients' preference for, and satisfaction with nursing care provided by male nurses at the Komfo Anokye teaching hospital. **BMC nursing**, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2019. Disponível em: ["Prefiro um enfermeiro do sexo masculino a uma enfermeira do sexo feminino": preferência e satisfação dos pacientes com os cuidados de enfermagem prestados por enfermeiros do sexo masculino no hospital universitário Komfo Anokye | BMC Enfermagem | Texto Completo \(biomedcentral.com\)](#)

CHANG, Hyoung Eun; JEONG, Suyong. Experiências de enfermeiros do sexo masculino sobre discriminação de gênero e assédio sexual no local de trabalho na Coreia do Sul: um estudo qualitativo. **Pesquisa em enfermagem asiática**, v. 15, n. 5, p. 303-309, 2021. Disponível em [Experiências de Enfermeiros Homens sobre Discriminação de Gênero e Assédio Sexual no Local de Trabalho na Coreia do Sul: Um Estudo Qualitativo - ScienceDirect](#)

COSTA, Kleber de Souza. Homens na Enfermagem: inserção, vivência e trajetória profissional. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em [Homens na Enfermagem: inserção, vivência e trajetória profissional \(usp.br\)](#)

COSTA, Kleber de Souza; FREITAS, Genival Fernandes de; HAGOPIAN, Ellen Maria. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 3, p. 1216-1226, 2017. Disponível em [ReP USP - Detalhe do registro: Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional](#)

CUNHA, Yasmine Fernanda Ferreira; SOUSA, Romário Rocha. Gênero e enfermagem: um ensaio sobre a inserção do homem no exercício da enfermagem. *Rev Adm Hosp Inov Saúde*, v. 13, n. 3, p. 140-9, 2016. Disponível em [GÊNERO E ENFERMAGEM: UM ENSAIO SOBRE A INSERÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM | RAHIS- Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde \(ufmg.br\)](#)

DA SILVA, Helena. Being a male nurse in Portugal during Salazar's dictatorship (1940–70). **Nursing Inquiry**, v. 20, n. 2, p. 176-185, 2013. Disponível em: [Ser enfermeiro em Portugal durante a ditadura de Salazar \(1940-70\) - da Silva - 2013 - Inquérito de Enfermagem - Wiley Online Library](#)

D'ANTONIO, Patrícia; WHELAN, Jean C. Enfermeiras contadoras: o poder dos dados censitários históricos. **Revista de Enfermagem Clínica**, v. 18, n. 19, p. 2717-2724, 2009. Disponível em [Contando enfermeiros: o poder dos dados históricos censitários - D'Antonio - 2009 - Journal of Clinical Nursing - Wiley Online Library](#)

EVANS, Joan A. Cuidadores cautelosos: estereótipos de gênero e a sexualização do toque de homens enfermeiros. **Revista de Enfermagem Avançada**, v. 40, n. 4, p. 441-448, 2002. Disponível em [Cuidadores cautelosos: estereótipos de gênero e a sexualização do toque de homens enfermeiros - Evans - 2002 - Journal of Advanced Nursing - Wiley Online Library](#)

EVANS, Joana. Homens enfermeiros: uma perspectiva histórica e feminista. **Revista de Enfermagem Avançada**, v. 47, n. 3, p. 321-328, 2004. Disponível em [Homens enfermeiros: uma perspectiva histórica e feminista - Evans - 2004 - Journal of Advanced Nursing - Wiley Online Library](#)

GASSEN, Kellen Nunes Rodrigues; CARVALHO, Catia Luciane; GOES, Cesar HB. A profissão de enfermagem. **Revista de Saúde Dom Alberto**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em [A profissão de enfermagem | REVISTA DE SAÚDE DOM ALBERTO](#)

HARDING, Tomás. A construção de homens que são enfermeiros como gays. **Revista de Enfermagem Avançada**, v. 60, n. 6, p. 636-644, 2007. Disponível em [A construção de homens que são enfermeiros como gays - Harding - 2007 - Journal of Advanced Nursing - Wiley Online Library](#)

JAYAPAL, Sathish Kumar; ARULAPPAN, Judie. Historical trajectory of men in nursing in India. **SAGE Open Nursing**, v. 6, p. 2377960820920128, 2020. Disponível em [Historical Trajectory of Men in Nursing in India \(sagepub.com\)](#)

JESUS, Elaine dos Santos et al. Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, p. 166-173, 2010. Disponível em [SciELO - Brasil - Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas](#)

KRONBERG, Suzanne; BOURET, Josephine Rachel; BRETT, Anne Liners. Lived experiences of male nurses: Dire consequences for the nursing profession. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 8, n. 1, p. 46-53, 2018. Disponível em [\[PDF\] Vivências vividas por enfermeiros: consequências terríveis para a profissão de enfermagem | Estudioso Semântico \(semanticscholar.org\)](#)

MACHADO, William César Alves. Gênero, saúde e enfermagem: a inserção do masculino no cuidado de enfermagem. **Online Braz J Nurs**, v. 3, n. 2, p. 58-68, 2004. Disponível em [2004_v3n2.indd \(researchgate.net\)](#)

MACKINTOSH, Carolyn. A historical study of men in nursing. **Journal of advanced nursing**, v. 26, n. 2, p. 232-236, 1997. Disponível em [Um estudo histórico dos homens na enfermagem - Mackintosh - 1997 - Journal of Advanced Nursing - Wiley Online Library](#)

MATTHEWS, Shaun. Registered male: a discussion on men in the nursing profession. **Contemporary Nurse**, v. 11, n. 2-3, p. 231-235, 2001. Disponível em [Homem registrado: uma discussão sobre os homens na profissão de enfermagem: Enfermeira Contemporânea: Vol 11, No 2-3 \(tandfonline.com\)](#)

MATTHEWS, Shaun. Registered male: a discussion on men in the nursing profession. **Contemporary Nurse**, v. 11, n. 2-3, p. 231-235, 2001. Disponível em [Homem registrado: uma discussão sobre os homens na profissão de enfermagem: Enfermeira Contemporânea: Vol 11, No 2-3 \(tandfonline.com\)](#)

MEADUS, Robert J. Homens na enfermagem: Barreiras ao recrutamento. In: **Fórum de Enfermagem**. Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd, 2000. p. 5-12. Disponível em [Homens na Enfermagem: Barreiras ao Recrutamento - Meadus - 2000 - Fórum de Enfermagem - Wiley Online Library](#)

NASRABADI, Alireza Nikbakht; LIPSON, Juliene G.; EMAMI, Azita. Professional nursing in Iran: an overview of its historical and sociocultural framework. **Journal of professional Nursing**, v. 20, n. 6, p. 396-402, 2004. Disponível em [Enfermagem profissional no Irã: uma visão geral de seu marco histórico e sociocultural - ScienceDirect](#)

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. 2006. Disponível em [Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva \(furg.br\)](#)

PEREIRA, Álvaro. Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão. **Acta Paul Enferm.**, v. 4, n. 2-4, p. 49-54, 1991. Disponível em [Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão - Acta Paulista de Enfermagem \(acta-ape.org\)](#)

PEREIRA, Audrey V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Caderno Espaço Feminino**, v. 24, n. 1, p. 49-77, 2011. Disponível em [espaco_24_revisado11 \(researchgate.net\)](#)

PEREIRA, Mayara Cândida; DE OLIVEIRA, Maria Liz Cunha; DOS SANTOS, Amanda Martins. Fabiana Claudio Da Silva Costa et al. 2020. "Resgate histórico da enfermagem global, brasileira e goiana: uma revisão narrativa de literatura historical rescue of global, brazilian and goiana nursing: a narrative literature review", **International Journal of Development Research**, v. 10, n. 11, p. 42239-42247. Disponível em [RESGATE-HISTORICO-DA-ENFERMAGEM-GLOBAL-BRASILEIRA-E-GOIANA-UMA-REVISAO-NARRATIVA-DE-LITERATURA.pdf \(researchgate.net\)](#)

PITTMAN, Elizabeth; FITZGERALD, Les. The campaigns for men to become midwives in the 1970s. **Health and History**, v. 13, n. 2, p. 158-171, 2011. Disponível em [Projeto MUSE - As Campanhas para que os Homens se Tornassem Parteiras na Década de 1970 \(jhu.edu\)](#)

SALES, Orcélia Pereira et al. Gênero masculino na Enfermagem: estudo de revisão integrativa. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 11, p. 277-288, 2018. Disponível em [GÊNERO MASCULINO NA ENFERMAGEM: ESTUDO DE REVISÃO INTEGRATIVA | Humanidades & Inovação \(unitins.br\)](#)

SANTOS, Carlos Eduardo dos; TAKAHASHI, Regina Toshie. Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 53, p. 183-191, 2000. Disponível em [SciELO - Brasil - Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico](#)

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira et al. Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil. **História da Enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em [Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil | História da Enfermagem: Revista Eletrônica \(HERE\) \(abennacional.org.br\)](#)

SASA, Randelle I. Male nurse: A concept analysis. In: **Nursing forum**. 2019. p. 593-600. Disponível em [Enfermeiro: Uma análise de conceito - Sasa - 2019 - Fórum de Enfermagem - Wiley Online Library](#)

SILVA, Jackson Diego Ferreira. O enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina: uma revisão integrativa. 2018. Disponível em [Biblioteca Digital de Monografias: O enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina: uma revisão integrativa \(ufma.br\)](#)

SOUZA, Hugo Alberto Neves et al. Enfermeiros nas páginas da imprensa escrita no Distrito Federal (1920-1940)[Nurses in the printed press in the Federal District (1920-1940)][Enfermeros en las páginas de prensa escrita en el Distrito Federal (1920-1940)]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 27, p. 38847, 2019. Disponível em [Enfermeiros nas páginas da imprensa escrita no Distrito Federal \(1920-1940\) \[Nurses in the printed press in the Federal District \(1920-1940\)\] \[Enfermeros en las páginas de prensa escrita en el Distrito Federal \(1920-1940\)\] | Souza | Revista Enfermagem UERJ](#)

SULLIVAN, Eleanor J. Men in nursing: The importance of gender diversity. **Journal of professional nursing: official journal of the American Association of Colleges of Nursing**, v. 16, n. 5, p. 253-254, 2000. Disponível em [Homens na enfermagem: a importância da diversidade de gênero - PubMed \(nih.gov\)](#)

ZHANG, Hong; TU, Jiong. The working experiences of male nurses in China: Implications for male nurse recruitment and retention. **Journal of Nursing Management**, v. 28, n. 2, p. 441-449, 2020. Disponível em [As experiências de trabalho de enfermeiros do sexo masculino na China: implicações para o recrutamento e retenção de enfermeiros do sexo masculino - Zhang - 2020 - Journal of Nursing Management - Wiley Online Library](#)